

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**ESCOLA NORMAL SUPERIOR – ENS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**HELEN CRISTINA MORAES LIBÓRIO**

**A MINHA RELAÇÃO DE APOIO PEDAGÓGICO COM AS FAMÍLIAS NO  
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

**MANAUS**

**2021**

**HELEN CRISTINA MORAES LIBÓRIO**

**A MINHA RELAÇÃO DE APOIO PEDAGÓGICO COM AS FAMÍLIAS NO  
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

Monografia apresentada como  
requisito final da conclusão do curso  
de Licenciatura em Pedagogia da  
Universidade do Estado do Amazonas

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Mônica de Oliveira Costa**

**MANAUS**

**2021**

### **Ficha Catalográfica**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

L696m Libório, Helen Cristina Moraes  
A minha relação de apoio pedagógico com as famílias no contexto da pandemia da COVID-19 / Helen Cristina Moraes Libório. Manaus : [s.n], 2021.  
50 f.: color.; 29 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2021.  
Inclui bibliografia  
Orientador: Costa, Mônica de Oliveira

1. Apoio Pedagógico. 2. Famílias. 3. Cuidado de si. I. Costa, Mônica de Oliveira (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. A minha relação de apoio pedagógico com as famílias no contexto da pandemia da COVID-19

**Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463**

**HELEN CRISTINA MORAES LIBÓRIO**

**A MINHA RELAÇÃO DE APOIO PEDAGÓGICO COM AS FAMÍLIAS NO  
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade do Estado do Amazonas – Escola Normal Superior, como exigência parcial para obtenção do título de Graduação em Licenciatura em Pedagogia.

Manaus, 27 de julho de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

*Mônica de Oliveira Costa*

---

Mônica de Oliveira Costa – Orientadora  
Universidade do Estado do Amazonas

*monica S. Aikawa*

---

Monica Silva Aikawa – membro  
Universidade do Estado do Amazonas

*Caroline B. de Oliveira*

---

Caroline Barroncas de Oliveira – membro  
Universidade do Estado do Amazonas

*Dedico esse trabalho a minha família que sempre me apoiou em todos os sentidos para a conclusão de minha graduação.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por ter me capacitado em toda a trajetória acadêmica. A Ele toda honra e glória pelos séculos dos séculos.

A minha mãe Waldemira Moraes Libório, uma mulher a frente de seu tempo, por ter me ensinado a lutar pela vida, educação e ser uma mulher forte.

Ao meu amado marido Warllison Holanda Monteiro, que me apoiou incondicionalmente para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Aos meus filhos Tobias Mendes Libório Neto e Hego Diego Libório Pires, mas em especial, a minha filha Hiana Gabrielle Libório Vieira, que com paciência em muitas vezes me deu força em continuar pelo simples fato em dizer que se orgulhava de mim, e com isso, incentivando-me na conclusão do curso.

A minha muito amada neta, Alice Libório Martins Queiroz.

Aos meus irmãos Cleide, Antônio (*in memoriam*), Vera, Sônia, José Carlos e familiares que acompanharam todas as superações necessárias para o meu crescimento acadêmico.

A minha orientadora Professora. Dr<sup>a</sup>. Mônica Oliveira Costa, que de forma especial me deu todas as condições e conhecimentos para a realização desta pesquisa, com muita competência, apreço e sabedoria.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como tema: A Minha Relação de Apoio Pedagógico com as Famílias no Contexto da Pandemia da Covid 19. A pesquisa teve como objetivo geral problematizar a minha existência como apoio pedagógico em relação com as famílias no contexto da pandemia e, como objetivos específicos: Narrar a minha vivência no processo de ensino em uma escola pública diante da pandemia da covid 19; Apontar os desdobramentos do sistema de aulas remotas para a participação das famílias na escola; Compreender minha existência como apoio pedagógico a partir do cuidado de si frente à relação com as famílias no contexto da pandemia da Covid 19. O interesse pela pesquisa se deu a partir das minhas vivências como apoio pedagógico, especialmente no período da pandemia, devido minha atuação em todo processo de planejamento e desenvolvimento das atividades da escola no ensino remoto. A pesquisa está baseada no aporte teórico-metodológico de Michel Foucault, especialmente o cuidado de si. A empiria é constituída por episódios da minha constituição enquanto apoio pedagógico e da relação com as famílias. Apresento como resultados as mobilizações que o ocupar-se de si possibilitaram a mim e aqueles que fazem parte do meu apoiar pedagógico, configurando um modo mais humano e vivo para aquilo que chamamos de cargos técnicos exercidos pelos licenciados em Pedagogia.

Palavras Chaves: Apoio Pedagógico, Famílias, Cuidado de si.

## **ABSTRACT**

The theme of this research is: My Pedagogical Support Relationship with Families in the Context of the Covid Pandemic 19. The research aimed to problematize my existence as a pedagogical support in relation to families in the context of the pandemic and as specific objectives : To narrate my experience in the teaching process in a public school in view of the covid 19 pandemic; Point out the consequences of the remote classes system for the participation of families in the school; Understanding my existence as a pedagogical support based on self-care in relation to the relationship with families in the context of the Covid 19 pandemic. The interest in research came from my experiences as pedagogical support, especially during the pandemic period, due to my role in the entire process of planning and developing the school's activities in remote education. The research is based on Michel Foucault's theoretical-methodological contribution, especially self-care. The empiric is constituted by episodes of my constitution as pedagogical support and the relationship with the families. I present as a result the mobilizations that taking care of oneself enabled me and those who are part of my pedagogical support, configuring a more human and living way for what we call technical positions exercised by graduates in Pedagogy.

Key Words: Pedagogical Support, Families, Self-care.

## **LISTA DE IMAGENS**

Figura 1 – Informes postados nos grupos

Figura 2 – Plano de aula

Figura 3 – Auxílio aos professores via online

Figura 4 – Retorno das aulas presenciais

Figura 5 – Procedimentos de segurança

Figura 6 – Auxílio aos alunos no manuseio do Aplicativo Classroom

Figura 7 – Grupo de whatsapp das turmas

Figura 8 – Turmas formadas no Classroom

Figura 9 – Estudantes em atividades de forma virtual

Figura 10 – Busca de atividade impressa na escola

Figura 11 – Equipe da Busca ativa

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO I - MEUS (DES)CAMINHOS (IM)PREVISÍVEIS .....	13
CAPÍTULO II – TECNOLOGIAS, RELATOS E DIREITOS DA FAMÍLIA.....	23
2.1 – EU(s): A Multiplicidade Pedagógica e o Ensino. ....	25
2.2 – EU(s): A Multiplicidade Pedagógica e a Família. ....	32
CONSIDERAÇÕES.....	45
REFERÊNCIAS.....	48

## INTRODUÇÃO

*Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras - liberdade caça jeito.*

*Manoel de Barros*

O presente texto trata de uma pesquisa pós-crítica com destaque para a narrativa de minhas vivências como instrumento de produção de dados. Tem como tema central A Minha relação de Apoio Pedagógico com as Famílias no contexto da pandemia da Covid 19, que se deu a partir de experiências vividas por mim, desde meu ingresso no contexto escolar na função de merendeira até os dias atuais atuando como apoio pedagógico.

O cuidado de si nos possibilita identificar as ideias que tomamos como nossas que nos são ensinadas por uma diversidade de discursos. O “cuidado de si”, de acordo com Foucault (1984), corresponde a uma ética em que o sujeito direciona suas atitudes sobre si mesmo, o autor também mostra a forma como realiza as suas pesquisas, os métodos que costuma adotar e a importância atribuída por ele à noção de experiência.

O conceito de experiência na obra de Foucault se apresenta, como um conjunto composto por três problemáticas interligadas: a subjetividade, as relações de poder e os jogos de verdade. Para o autor os três elementos desse conjunto são alastrados por dispositivos heterogêneos que abarcam tanto o âmbito do dito como do não dito.

Uma história que não seria aquela do que poderia haver de verdadeiro nos conhecimentos; mas uma análise dos ‘jogos de verdade’, dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado. (FOUCAULT, 1984, p. 13).

As leituras de Foucault me possibilitaram olhar de outra perspectiva todo conhecimento que recebi no decorrer de minha jornada acadêmica no curso de Licenciatura de Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), além das minhas vivências relativas à educação escolar. Essas reflexões e análises de observações das experiências vividas por mim foram ganhando força em minha formação enquanto licencianda de Pedagogia e como gente.

Com o fechamento das escolas devido à proliferação do Corona vírus e o início do trabalho no sistema home office, me deparo com inúmeros percalços para

manter uma relação profissional e cordial de contato com as famílias. Diante disso considero as reflexões de como se dá a constituição da minha existência como apoio pedagógico a partir da relação com as famílias no contexto da pandemia da Covid 19, tendo como objetivos: Narrar a minha vivência no processo de ensino em uma escola pública diante da pandemia da covid 19; Apontar os desdobramentos do sistema de aulas remotas para a participação das famílias na escola; Compreender minha existência como apoio pedagógico frente à relação com as famílias no contexto da pandemia.

[...] o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade. (FOUCAULT, 2006. p. 19)

Nesse período, atuei ativamente em todas as mudanças que foram necessárias para a continuação do ensino e para amenizar alguns obstáculos que iam surgindo no decorrer do caminho oriundos de toda a mudança que o momento impunha, vivências essas, que juntamente meu aprendizado na universidade foram fundamentais para a minha formação inicial e construção de uma suposta identidade docente.

A importância desse trabalho está pautada especialmente das (des)naturalização de algumas ideias tomadas por mim como verdadeiras e que me foram ensinadas ao longo da vida, principalmente a relação das famílias com a escola. A noção de verdade é apreendida como “o longo processo que faz do logos ensinado, aprendido, repetido, assimilado, a forma espontânea do sujeito que age” (FOUCAULT, 2004, p. 641).

Nesse sentido, esta monografia apresenta em seu primeiro capítulo, a narrativa de minha vivência como merendeira escolar, onde eu<sup>1</sup> tinha uma visão muito absolutista, minha (des)construção de conceitos que tinha como verdadeiros a partir do meu ingresso na universidade; meu ingresso na parte pedagógica da escola, na função de Apoio pedagógico, dando visibilidade ao meu sentir sobre a ótica de cada membro da comunidade escolar; os deslocamentos nas minhas certezas sobre o apoiar pedagógico.

---

<sup>1</sup>Durante a escrita, uso o “eu”, quando estou narrando alguma experiência vivenciada por mim, Durante a escrita, uso o “nós”, quando estou me referindo à equipe pedagógica da Escola, a sociedade, ou quando estou tratando sobre alguma narrativa de algum fato pertinente para construção desta monografia.

No segundo capítulo, apresento a narrativa de como atuei para dar suporte técnico aos professores, alunos e suas famílias, mostrando os recursos usados, o auxílio prestado à escola em todo assunto relativo à Ensino Remoto e Ensino Híbrido e mostrando a importância da família nesse momento de isolamento social.

Convido a todos a partilhar comigo a emoção dessa experiência em narrar um pouco de minha existência como Apoio Pedagógico e termos a oportunidade de discutirmos sobre cargos e funções vistos como “segundo plano”, mas que também são importantes no contexto escolar, visando desconstruir conceitos que são fabricados e certas ideias que recorrentemente são tomadas como verdades absolutas, é tempo de refletir e tirar do apagamento figuras singulares na escola.

## CAPÍTULO I - MEUS (DES)CAMINHOS (IM)PREVISÍVEIS

*Eu não sentia nada. Só uma transformação pesável. Muita coisa importante falta nome.*

*Guimarães Rosa, 1956*

A trajetória de minha formação em Pedagogia é um tanto diferente de outros colegas que encontrei em meus (des)caminhos e, por isso, passo a descrever alguns pontos que julgo importante para aquilo que Rosa chama de transformação pesável. Outras questões que ainda não consegui nomear, mas que são importantes irão pulsar no texto como força mobilizadora de discussões de realidades tão desafiadores que encontrei.

Estou inserida no mundo escolar desde 2004 na função de merendeira, nesse setor eu usava meu conhecimento não só no preparo do lanche dos alunos, mas também no tratar com eles de uma forma muito mais amorosa e presente, pois necessitamos repensar nossas relações como atos educativos.

Esmerava-me no preparo de uma refeição saborosa e atendia os alunos com carinho e algumas vezes tomando a vez de mãe chamando atenção devido um comportamento inadequado. Nessa época em que trabalhava na merenda escolar presenciei inúmeras vezes, alguns alunos passando mal, pálidos, gelados, apresentando tonturas e o motivo sempre eram o mesmo: falta de alimentação.

Lembro-me as muitas vezes que fiquei chateada quando chegava até mim à informação que um (a) mãe/pai havia reclamando do fato de a escola não ter servido a merenda escolar. Meu impulso, era sempre (sus)pirar: “esses pais reclamam por tudo, se prestassem a mesma atenção nos estudos dos filhos como prestam atenção na merenda, estes alunos seriam todos doutores!”.

Não ter o conhecimento das diversas situações em que vivem as famílias dos alunos, seus modos de enxergar e organizar a vida, acaba me impedindo de problematizar as diferenças que existem entre eu e os outros, perdemos assim, a oportunidade em dialogar com quem frequenta aquele espaço. A escola não fala

diretamente ao outro, mas para o outro, portanto, não reconhece nele uma qualidade de sujeito. (GARCIA, 2006).

Em minha naturalizada ignorância não tinha ideia que eles não estavam fazendo uma mera reclamação da oferta do serviço, mas sim pedindo socorro, pelo simples fato que os alunos precisavam daquela alimentação que a escola fornecia diariamente, pois ela seria a única alimentação que teriam no dia. De acordo com pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em média trinta a quarenta por cento das crianças não realizam a primeira refeição do dia que é o café da manhã.

Trabalhando na merenda escolar fui apresentada a uma difícil vivência das famílias, que eu ainda não conseguia olhar pelas lentes da criticidade e acaba fazendo julgamentos de juízo de valor, mesmo sendo eu também oriunda de uma família dita pobre de recursos financeiros.

Minha forma de ver as diferentes dimensões de realidades familiares aconteceu com meu ingresso na Universidade e lá eu comecei a entender que a minha verdade é apenas um modo de ver e dizer que me foi ensinada ao longo da vida. Ao ingressar na universidade expandimos nossos conhecimentos, nos é apresentado um mundo novo de informações e teorias, a percepção do mundo muda, compreendemos melhor como as coisas são colocadas para funcionar e como chegamos a ser e a pensar o hoje, ao mesmo tempo em que novas perguntas começam a povoar a cabeça, as velhas respostas já não satisfazem nossos desejos de compreender o mundo.

Contudo, eu continuava imersa em muitas verdades produzidas discursivamente, ou seja, nos enunciados que definiam meu modo de agir, pensar, ser, estar na escola. Assim, o discurso vai além de referenciar qualquer coisa, ele produz verdades sobre nós e se inscreve em nossos corpos como “certo e errado”, como algo que parece parte de uma suposta natureza humana, como explica o próprio Foucault, não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo (FOUCAULT, 1986, p.70).

Naquele momento eu estava em desconstrução, não julgava mais a situação da família do aluno, e sim, tentava fazer uma brecha da compreensão e reflexão sobre as situações das famílias, e sempre que me era trazido um aluno passando

mal, eu o recebia na minha cozinha, já me preocupava em colocá-lo em um lugar em que outros alunos não o vissem, pois estava envergonhado pelo acontecido, não fazia perguntas e procurava saber com a pedagoga um pouco mais sobre a vida e os desafios dele e, como a escola poderia ser um espaço de olhar e auxiliar nessas realidades ditas de ordem pessoal, econômica, social.

Assim, me aproximando das vivências desses alunos e de suas famílias e com as (des)aprendizagens teóricas que o curso de pedagogia me possibilitava, fui mudando meu modo de enxergar a vida familiar dos alunos, especialmente a partir de 2016, quando tive um problema de saúde e fui afastada das funções de merendeira, ficando a disposição da gestora da escola para assumir outra função.

No início inspecionava os corredores ou ajudava em trabalhos corriqueiros na secretaria, com o passar do tempo à gestora me transfere para gestão escolar para lidar com documentos, formulários, atas de reuniões e auxiliá-la em toda parte administrativa, ficando nessa função até início de 2017. Neste ano por algum motivo a escola ficou sem pedagoga e uma professora do quadro da escola assume essa função, contudo ela precisaria de alguém para auxiliá-la, e mais uma vez fui trocada de setor.

A pedagogia parece ser um mundo paralelo ao administrativo-pedagógico, no qual eu tratava apenas com a escola enquanto administração, não tendo contato direto com professores, alunos e família, o contato que eu estabelecia era em reuniões da Associação dos Pais, Mestres e Comunitários (APMC), na qual eu era responsável pela ata da reunião.

Ao assumir a função de apoio pedagógico, foi possível olhar para a pedagogia como algo que nos enraíza na vida das pessoas e da própria escola, é um elo com o viés humano, vivo, vibrante... Passei a estabelecer outras relações com os alunos e especialmente com as famílias, a tal ponto que muitas vezes denominei de uma intimidade que vai além da pedagógica.

Relatos que vão de pais que pedem ajuda por não saberem mais como agir com seu filho e temerosos em perdê-los para os “encantos” do mundo, até aqueles que pedem ajuda para comprar uma blusa para servir como uniforme que custa não mais que dez reais. Libâneo apresenta a pedagogia, sendo um dos cursos de graduação mais democráticos existente na atualidade, demonstrando suas diferenças e contribuições para um mundo melhor.

Temos diferentes cursos, diferentes níveis de qualidade, diferentes níveis de formação dos professores-formadores. Poucos cursos de formação profissional atingem os mais distantes municípios, compondo as culturas locais, criando um tipo de cidadão, ajudando as crianças a terem um rumo na vida, ampliando as possibilidades de conquistar a dignidade humana. (LIBÂNEO, 2005)

É assim que delinheio uma pedagogia que não está apenas para entender e organizar o Projeto Político Pedagógico (PPP), as questões político-pedagógicas, administrativas, financeiras, o currículo escolar, instruir e orientar professores, organizar e fazer funcionar toda a parte pedagógica da escola. A pedagogia está para, além disso, estamos dentro das famílias dos alunos e muito mais que isso, estamos a par das dificuldades que muitas famílias estão enfrentando.

É por meio da Pedagogia que percebemos quando o aluno está com algum problema em casa porque observamos e detectamos que estão se mutilando através das marcas dos cortes nos braços; somos nós que conversamos com o aluno que sofre abuso; somos nós que conversamos com a mãe que sofre agressão do marido; somos nós que conversamos com o pai que foi abandonado pela esposa e não sabe como agir com os filhos; é a pedagogia que nos dá suporte teórico e humano para sabermos lidar com as ditas dificuldades dos avós que se responsabilizaram pela criação do neto.

Na pedagogia que compreendi que a escola é um espaço social que tem uma tarefa importante e complexa nas relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Fruto da ação recíproca que envolve famílias, alunos, professores e gestão numa ação complexa e heterogênea. Na verdade, todos os sujeitos envolvidos na escola são únicos, com sonhos diferentes, famílias múltiplas, professores com componentes curriculares e experiências diversificadas, até mesmo gestões diferentes, todos estão inseridos em contexto sociocultural diferente. Como o alvo da escola é o aluno e sua aprendizagem. Diante disso, Dayrell (1996) discorre:

Afinal de contas, não podemos esquecer o que essa lógica esquece que os alunos chegam à escola marcada pela diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivo, afetivo e social, evidentemente desiguais, em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, prévias e paralelas à escola (DAYRELL. 1996, p.37).

A pedagogia te enraíza na parte pessoal e humana da escola, ela é vida e viva, confesso que fiquei “inquieta” com o comportamento de alguns professores,

que nunca estavam satisfeitos com nada relativo à escola e que não respeitavam a individualidade e diferenças dos alunos, mas também encontrei professores que arregaçavam as mangas para o bom andamento da escola e em prol de toda a comunidade escolar e que se preocupavam em fornecer um conhecimento de qualidade para os alunos.

Esse foi um momento desafiador, pois tudo que presenciava na escola eu tomava para reflexão com que estava discutindo na Universidade e era um conflito incessante, pois o curso de pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) é pautado na ideia do professor pesquisador e na continuidade da formação. Movimentos também voltados para melhoria do aprendizado dos futuros alunos, contudo, eu me deparava com uma escola com professores que agiam muitas vezes contrários a isso, e isso me afetava enquanto pessoa, profissional e licenciada. Segundo Freire (1983), pela pesquisa como ato de conhecimento, os sujeitos educandos alteram a qualidade de seus conhecimentos da realidade concreta, que passam para uma etapa mais elaborada e sistematizada.

Quanto mais, em tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando, como sujeitos, o ato de conhecimento de si em suas relações com a sua realidade, tanto mais vão podendo superar ou vão superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuos. Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. (FREIRE, 1983, p. 36).

Assim, é necessária a pesquisa, o buscar por embasamento de ideias, tornando a prática pedagógica uma ação reflexiva mais profunda, na tentativa de entender teoricamente que direcionamento buscar, como agir de forma coerente, frente às diversas situações enfrentadas na escola, dando capacidade de emancipar-se, e assim, ajudando na emancipação dos alunos, refletindo sempre na prática com um rigor científico presente.

Nesse momento em que me ocupei a posição de Apoio Pedagógico (o nome do cargo já diz tudo), me tornei um tipo de suporte e estou ali para auxiliar e ajudar. Fui professora *tampão*, ajudava alunos com dificuldade no 6º tempo<sup>2</sup>, recebia e atendia pais/responsáveis, auxiliava nas reuniões pedagógicas, enfim, estava dentro do mundo pedagógico, mas apenas como auxiliar, sempre como segundo plano, pois Apoio Pedagógico nem mesmo é um cargo dentro da Secretaria de Educação,

---

<sup>2</sup> O 6º Tempo é um horário a mais que a Escola criou e contou com a colaboração voluntária de alguns professores para reforço escolar a alunos que estavam com baixo rendimento escolar.

é um modo de nomear os funcionários que estão à disposição da escola e são aproveitados nas atividades escolares diante seus conhecimentos, mais sempre como segundo plano.

Ao final de 2018 finalmente a escola recebeu a pedagoga titular, contudo tinha acabado de ser convocada e aquela seria a primeira escola que assumiria como pedagoga e também a primeira escola do sistema público que trabalharia. Diante dessa situação, eu, a apoio pedagógico da escola, uma pedagoga em formação e ex-merendeira que apresentei e auxiliei nos primeiros passos da pedagoga de fato e de direito, o que nos aproximou e fomos seguindo para um trabalho de melhoria da escola e eu me dedicando entre trancamentos e retornos para concluir meu curso na universidade.

O ano letivo de 2019 serviu para a nova pedagoga se ambientar com as supostas realidades da escola, todavia atravessamos esse ano de forma dita normal como todos os outros. E nem imaginávamos que seria o último ano “normal” que teríamos.

O início de 2020 parecia igual aos outros anos. Iniciamos os trabalhos como de costume: organizar a escola para receber os alunos, reunião de acolhimento dos professores e demais colaboradores da escola, orientações de como seria o andamento naquele ano letivo, algumas reclamações, mas nada do que já não fosse previsto.

Recebemos os alunos no dia 12 de fevereiro, em seguida o feriado do carnaval e só depois retornamos para enfim o começo do ano letivo, e assim deu-se até o dia 16 de março, último dia de aula presencial. No meio da tarde chega o comunicado da Secretaria de Educação do Estado (SEDUC): Isolamento Social devido a Pandemia de Covid 19, sobre o Decreto N° 42.061, de 16 de Março de 2020.

Diante de mim toda a incerteza de como seria para a escola esse momento do Isolamento Social, o futuro era incerto e o corpo pedagógico não sabia como agir. Santos, Lima e Sousa (2020) escrevem sobre essas mudanças ocorridas “do dia para noite” na docência, no qual “muitos (as) desses (as) profissionais tiveram que, de forma repentina, conjugar tarefas domésticas, maternidade, cuidados de familiares e ensino remoto”. Suas condições de trabalho foram, portanto, drasticamente modificadas e precarizadas (p. 1637).

Uma reunião com a gestora e a pedagoga depois de certo tempo do início do isolamento aconteceu para estabelecermos de que forma agiríamos naquele momento, e as ferramentas digitais eram sempre a primeira opção, e era o que parecia mais viável para a situação que estávamos enfrentando.

Mencionei que na universidade utilizávamos um aplicativo prático e de fácil manuseio, o Google sala de aula/Classroom, expliquei ligeiramente como funcionava o aplicativo e naquele momento, fui empossada como a nova “apoio técnico digital” da escola. Pensamos em uma estratégia para apresentar para toda comunidade escolar (professores, alunos, famílias), como seria a nova forma que a escola adotaria naquele momento, e que seria através do Ensino Remoto com o uso da Internet.

Fui incumbida de ensinar o manuseio do aplicativo aos professores, de como eles enviariam e receberiam atividades, também em formar todas as turmas nos grupos do whatsapp e classroom e entrar em contato com alunos e família. E foi nesse momento que tive a oportunidade de vivenciar os desafios que muitas famílias enfrentam para manter os filhos na escola e (sobre)viver.

A questão que se colocava era: Como determinar para nossos alunos e suas famílias o ensino remoto através da rede de internet, se as famílias mal tinham uma tv em casa, e um celular era algo impensável, no qual muitas vezes não tinham nem o básico de uma alimentação diária? Como ensinar e auxiliar professores que estavam preocupados com a manutenção da vida e sem abertura para entender o novo momento que vivíamos? Como terei que lidar com esse novo recurso e que deverá estar pautada nas normativas, mas também mantendo um contato afetivo com a família dos alunos, família essa que também teve que lidar com a novidade em fazer parte desse processo, que normalmente é trabalho do professor, que é a educação pedagógica de seu filho?

Nos dias atuais já criamos de forma individual, os meios para trabalhar as novas tecnologias, na qual as utilizamos com o objetivo de organizar e facilitar o trabalho e isso também se dá no âmbito escolar. As famílias que tem mais acesso às informações podem muitas vezes dar suporte e apoio pedagógico, cognitivo e emocional aos seus filhos. O acesso ao lazer, cultura, tecnologia, bens e consumo ampliam a visão de mundo. Para Forquin (1993, p.12) “a educação é o conjunto dos processos e dos procedimentos que permitem à criança humana chegar ao estado de cultura, a cultura sendo o que distingue o homem do animal”.

Mas as famílias que compõem as escolas são diversificadas e muitas apresentam limites severos na oferta do básico em termos de alimentação, afeto, presença. Como seria para essas famílias manter o dispêndio com internet, com celular de boa memória e uma tv adequada para acompanhar as aulas?

A escola sem a participação da família não tem como desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade. Essa participação inclui toda a comunidade escolar e juntos podem desenvolver uma formação. Partindo desse pressuposto afirmava diariamente aos pais que cada mensagem, dúvida, vídeos, fotografias que eles me retornavam também serviam para conectar e aproximar as famílias da escola.

Em muitos momentos refleti sobre o quanto as famílias se encontravam fragilizadas diante de tantas mudanças e como eu agiria com elas para minimizar as dificuldades encontradas, a compreensão da ética e o cuidado de si, o cuidado com o outro. Diante de tudo o que acontecia me perceber e compreender o lugar que estava ocupando, onde me encaixava nessa nova realidade que me encontrava.

O cuidado de si é apontado como uma potência instituinte imanente à vida, potência ético-política face aos biopoderes que recobrem o bios social na atualidade, postulando uma educação experienciada fundamentalmente como prática de liberdade. (FREITAS, 2010, p. 169)

Durante essa realidade que me era imposta fui convidada a problematizar a minha função na escola, tentar entender o meu eu, dentro de todo o movimento que acontecia na escola, no qual passei de “ajudante” da pedagoga e ex-merendeira para o centro das atenções, onde todos me observavam e seguiam minhas instruções. Entender a mudança de visão de toda a comunidade escolar tinha sobre mim e arcar com a responsabilidade que a situação me impunha e que fui aceitando.

Durante essa transição observei os limites de conhecimento, não apenas dos alunos e suas famílias, mas também de alguns professores e parte administrativa da escola, enquanto manuseio de ferramentas digitais, a resistência, principalmente por parte do corpo docente da escola em ter que vir até mim para pedir auxílio, e acredito que alguns não o fizeram, afinal eu era uma simples “apoio”, como poderia ensiná-los alguma coisa?

Contudo vale narrar aqui que muitas vezes me questionei sobre minha capacidade, mesmo sabendo que era capaz. Lembro-me de ocasiões em que nitidamente observei incredulidade nas feições de pais, que sabiam que eu tinha

sido merendeira, quando a gestora ou a pedagoga me apresentavam como professora/apoio, e essa incredulidade ia rompendo no decorrer das conversas, em que, muitas vezes tive que usar “termos técnicos” para ser compreendida como capaz.

De acordo com López, existe uma afirmação que a “experiência” consistiria na “criação de conceitos”. Eles seriam espécies de nós ou pontos de condensação do pensamento. Ainda de acordo com ele, o conceito de “experiência” se encontra intimamente ligado ao conceito de “dispositivo”, que seria um conjunto heterogêneo de discursos e instituições, dentre outros; seria tanto o dito quanto o não dito (LÓPEZ, 2011, 48).

Esse ato de julgar é o dito, seja de forma discursiva ou não discursiva, que pode ser entendido fortemente foram situações frequentes, a ideia que uma pessoa que teria vindo de uma profissão vista pela sociedade como “inferior”, não pode ter capacidade para alcançar um espaço profissional melhor é muito forte na sociedade que vivemos. Foucault instrui refletirmos radicalmente sobre uma forma de governo vivida em relação a determinados temas tidos como verdadeiros. “A noção de verdade é apreendida como “o longo processo que faz do logos ensinado, aprendido, repetido, assimilado, a forma espontânea do sujeito que age” (FOUCAULT, 2004, p. 641).

O cuidado de si entende-se em exercer o poder sobre si como postura ética, não me permitindo ser governado ou julgado pelo que me ensinaram sobre mim ou sobre os outros, eu vou tentar-me autoconstruir para ter autonomia. Fischer (2001) nos alerta que existem na sociedade alguns temas imbuídos em relações de poder, ao mesmo tempo em que produzem certo saberes, “tais temas dizem respeito à fixação em saber a verdade do sujeito, em constituir os sujeitos como o lugar da verdade, em construir para todos e cada um de nós discursos “verdadeiros” (p. 201)”.

O tema do “Cuidado de si” aparece no vocabulário de Foucault no prolongamento da ideia de governamentalidade. A análise do governo dos outros segue aquela do governo de si, isto é, a maneira pela qual o sujeito se relaciona consigo mesmo e torna possível a relação com o outro.

Eu estava vivendo realidades contraditórias, de um lado pais que me procuravam incessantemente a qualquer hora do dia e da noite pedindo auxílio, informações e esclarecimento de como deveriam agir diante de tantas mudanças,

muitas vezes envergonhados em dizer que não tinham condições para auxiliar seus filhos. Por outro lado, professores incrédulos e duvidosos se eu teria capacidade de ensiná-los algo que para eles era tão complexo, como o manuseio da internet, e também envergonhados por estarem em uma situação que precisavam de instruções de uma pessoa que antes apenas os auxiliavam corriqueiramente.

Procurei nesse momento também entender as dificuldades que os professores, principalmente aqueles que não tinham familiaridade com a internet, estavam passando, pois eles não estavam preparados para usarem os recursos midiáticos e essa crise devido à pandemia de covid 19 impôs aos professores mudar o seu “fazer” pedagógico tendo que obrigatoriamente usar as tecnologias. Saber que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003).

Dei suporte técnico e apoio para orientação do uso das ferramentas tecnológicas, muitas vezes escutei reclamações e percebi frustrações por não terem o conhecimento que estava sendo exigido naquele momento. Também virei conselheira, pois em muitos momentos acalmei professores da mesma forma em que acalmei muitos pais, onde lhes dizia que aquele momento em que passávamos era incerto, e não se tinha uma receita pronta, que o momento era de erros e acertos e que eles precisariam estar receptivos para buscar informações e conhecimentos para atuar naquela situação que nos encontrávamos.

Naquele momento eu já não me sentia como um cargo “tampão” na escola, eu percebi que havia construído o meu lugar naquele espaço, um cargo inventado e passei a ser tratada por todos como a Professora Helen, assumindo o controle da situação, da minha vida e de minhas escolhas. A ideia de cuidado de si é retomada, portanto, particularmente os que dizem respeito à constituição de subjetividades (CARVALHO, 2010). O cuidado de si é visto como uma força permanente à vida, potência ético-política diante aos poderes que recobrem a sociedade na atualidade, auxiliando uma educação testada fundamentalmente como prática de liberdade.

## **CAPÍTULO II – Tecnologia, Relatos e Direitos da Família.**

*“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é  
senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria  
menor se lhe faltasse uma gota”.*

*(Madre Teresa de Calcuta)*

Nesse capítulo narro situações que vivi durante a transição das atividades escolares normais para o ensino remoto adotado pela SEDUC-AM durante a pandemia da Covid 19, perpassando pelo apoio e instrução sobre uso das ferramentas tecnológicas aos professores, alunos e famílias até a parte documental que asseguram os direitos das famílias dentro do sistema escolar público.

Admito que foram momentos difíceis e cheios de incertezas, mas a frase de Madre Tereza me define, mesmo diante de desconhecido eu faria o que tivesse ao meu alcance, pois esse “novo fazer” não era inédito apenas para os alunos e suas famílias, ele também era para mim, enquanto escola.

A escola deve constituir um espaço coeso, pois é na escola que se desenvolve a prática pedagógica. Assim sendo ela pode dar existência a um espaço de possibilidades ou de limites. Diante disso, o momento do isolamento social e de escolas fechadas por conta da pandemia tem limitado a relação entre escola e família/ alunos na busca de um conhecimento sistemático, usando técnicas novas de acolhimento e de conexões virtuais que viabilizam a aprendizagem. Nesse contexto, a escola, junto à equipe pedagógica, assume um papel fundamental, integrando professores, famílias e alunos.

É importante citar que utilizei o cuidado de si como ferramenta teórico metodológica, e tendo como luz as características e funções usadas sobre a metodologia nas pesquisas pós-críticas. Os teórico-críticos afirmam que na subjetividade existe um fator inerente às relações sociais, não podendo ser

entendida apenas como interpretações pessoais livres de qualquer influência, mas como conjunto de múltiplas influências exteriores.

Nessa condição, as abordagens pós-críticas aparecem como possibilidade aos fatores pragmáticos e analíticos, com a intenção de significar às pesquisas educacionais, dando maior versatilidade e sentimento na investigação de seus objetos, captando a origem de sua natureza e as implicações que se mostram nos atores envolvidos em cada cena. Porém a pesquisa deve concentrar-se na subjetividade com que os dados são analisados sob a ótica da relação de poder existente entre pesquisador e pesquisados. Lahire afirma que “E se chamará de ‘subjetiva’ uma opinião, uma ideia, um ponto de vista, uma representação, ao passo que, concretamente, essas realidades subjetivas são tão objetivas como as primeiras”. (2002, p. 196)

A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual no Município de Manaus, situada na área centro-sul da cidade. Com uma localização expressiva por ser numa das avenidas comerciais mais movimentadas da cidade, sendo considerada escola-corredor, por atingir inúmeros bairros devido à circulação de transporte público no local. Atende uma comunidade extremamente diversificada que apresenta situação socioeconômica, valores e hábitos oriundos de adolescentes de diversas localidades da cidade.

A escola funciona num prédio antigo em dois andares. Dispõe de 23 dependências, sendo distribuído em 07 salas de aula, funcionando nos dois turnos (matutino e vespertino), além da Diretoria, Sala dos Professores, Laboratório de Informática (sem uso), Sala do Pedagogo, Secretaria, Biblioteca, Sala de Mídias, Depósito para Merenda Escolar, Banheiros e Área de recreação.

Oferece a educação básica, formada pelo ensino fundamental dos anos finais que corresponde do 6º ao 9º ano. A escola recebe famílias heterogêneas e diversificadas vindas do município de Manaus, toda parte do Brasil, interior do Estado e países próximos como: Venezuela e Haiti. A comunidade escolar caracteriza-se no nível socioeconômico médio baixo, ou seja, sintetiza as características dos indivíduos em relação à sua renda, ocupação e escolaridade.

Conhecer o lugar é fundamental para a pesquisa ou um estudo, pois para o autor conhecer o espaço é conhecer a rede de relações sociais, suas experiências com o outro, com a natureza e com tudo que envolve esta zona de conforto. É possível manter em um lugar hábitos, sentimentos, trabalho, lazer, autonomia,

conflitos, estudos, projetos, ou seja, todos os percursos de desenvolvimento humano.

Nesse contexto, toda elaboração desse projeto deu-se diante as dificuldades encontradas pelas famílias dos alunos a partir do fechamento das escolas da rede pública diante o isolamento social causado pela pandemia do Covid 19, aliado as instruções de minha orientadora e os encontros na disciplina de TCC 2 que me nortearam para elaboração do meu trabalho de conclusão do curso.

## **2.1 – Eu(S): A Multiplicidade Pedagógica e o Ensino.**

*“O conhecimento nos faz responsáveis”.*

*(Che Guevara)*

Diante dos desafios que vivenciamos com o afastamento dos alunos devido o isolamento social que o vírus da covid19 nos impôs, a escola teve que se adaptar a nova realidade que lhe foi imposta e nos deparamos com muitos outros desafios, tais como: O uso de novas tecnologias através das ferramentas digitais na mediação do processo de ensino; a desigualdade social que dificultaram o acesso; a dificuldade em proporcionar interação com todos os alunos e a insistência da escola e dos docentes a uma prática pedagógica tradicional. Como bem lembra Moran (2017), as instituições escolares estão “off-line” em uma sociedade “online”. Segundo Moran “a escola parece um museu, um outro mundo, um espaço de confinamento, quadrado, com tempos marcados para cada área de conhecimento, para cada atividade, para cada avaliação (2017, p.66).

Contudo, não devemos afirmar que o docente é o “problema”, o processo de ensino precisou ser revisto, os professores tiveram que se (re)fazer de forma rápida e muitas vezes improvisada, pois não tiveram qualquer tipo de formação prévia, a nova rotina através do Ensino Remoto, usando meios que até então não eram comuns à sua prática de execução das atividades educativas de forma presencial.

Em momentos de reflexão por muitas vezes me indaguei se essa “resistência” a mudança na rotina de aula do professor não se deu pela a falta de formação nessas questões, no qual tiveram que aprender as tecnologias digitais, obter melhores equipamentos tecnológicos e disponibilizar uma internet de qualidade, ou seja, também envolvia a situação econômica dos mesmos.

Quando falamos em formação estamos falando em cursos que auxiliem os professores a problematizar a própria prática pedagógica e propor outros caminhos para ela, nesse caso, que incluíssem as ferramentas digitais presentes no dia a dia dos estudantes, afinal, é necessário utilizar elementos familiares para constituir experiências singulares. Manter um corpo docente qualificado impacta o ensino de maneira positiva, pois professores que leem, pesquisa, debatem, trabalham coletivamente. Propõe encontros potentes de vida e conhecimentos, mesmo que virtualmente, com alunos.

O novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias. (LIBÂNEO, 2014, p. 4)

As mudanças e transformações devido a Pandemia trouxeram reflexões significativas para a escola, formação de professores e perfil de famílias, ou seja, exigem-se cada vez mais sujeitos interagindo com as tecnologias da informação e comunicação em âmbito mundial. Mais do que nunca, a escola e a família devem caminhar juntas para atender ao mercado globalizado em dominar o conhecimento sistematizado.

Não estamos mais em um mundo de tantas certezas como era no século XIX, no qual o modelo de sala de aula que conhecemos foi construído. Estamos em um mundo diverso e a tecnologia está presente na vida de um jeito ou de outro e precisamos ser sensíveis há esse tempo, e para isso, as práticas que estávamos acostumadas a usar precisam integrar a essa realidade que estamos supostamente vivendo agora.

O Governo Estado do Amazonas juntamente com a Prefeitura de Manaus, providenciaram uma programação e projeto: Aula em Casa<sup>3</sup>. O aluno assiste às aulas em casa viabilizada por canal particular do Estado, canal “Encontro das águas”<sup>4</sup>. As aulas são programadas por componente curricular, dia, hora e tempo, ministradas por professores da SEDUC e SEMED, e não particularmente da escola.

Os alunos acompanhavam às aulas em casa pela televisão (canal disponível), realização de atividades pelo Google Classroom, contato com alunos e familiares

---

<sup>3</sup> O projeto Aula em Casa consiste na transmissão de videoaulas pela TV aberta e internet;

<sup>4</sup> A TV Encontro das Águas é uma emissora de televisão brasileira sediada na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas. Opera no canal 2, e é afiliada à TV Brasil. Tem caráter educativo e público, sendo pertencente ao Governo do Estado do Amazonas juntamente com a Rádio Encontro das Águas.

pelas redes sociais, como: whatsapp, facebook e instagram. A realização do ensino utilizado pelo projeto: Aula em casa foi o Ensino Remoto.

Figura 1- Informes postados nos grupos



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Com as mudanças oriundas da Pandemia da Covid-19, não foi possível a realização das aulas presenciais no período de aproximadamente seis meses. As escolas públicas estaduais foram fechadas para resguardar e proteger o corpo docente, discentes, administrativos, técnicos e famílias. Vale salientar que nesse interim em que a escola ficou fechada para atividades presenciais vieram à tona nomenclaturas novas que não tínhamos familiaridade, principalmente o modelo de ensino que utilizaríamos, não sabíamos diferenciar Ensino Remoto, Ensino Híbrido e Ensino a Distância (EaD). Seriam eles:

- Ensino remoto

Essa modalidade de ensino envolve aulas síncronas, ou seja, aulas ao vivo acontecendo no mesmo dia e horário que seriam as aulas presenciais. Por vezes as aulas podem ser gravadas, mas a ideia é ter o mesmo conteúdo e a mesma dinâmica do ensino presencial. Nela o professor segue seu plano de atividades e há interação dos alunos na aula, com espaço para tirar dúvidas. As avaliações são feitas por todos os alunos ao mesmo tempo e por meio digital, de acordo com o conteúdo visto em aula.

- Ensino a Distância (EAD)

Na modalidade do EAD, que é a forma de educação online mais conhecida, os alunos têm a liberdade de assistir a aula de acordo com sua disponibilidade de rotina, isso porque as aulas são gravadas e disponibilizadas na plataforma da instituição. Caso o aluno precise tirar suas dúvidas pode entrar em contato com um tutor, que poderá fazer atendimento via e-mail ou vídeo chamada. Para essa forma de ensino, as avaliações têm um prazo determinado e encontram-se disponibilizadas para que o aluno possa realizar no momento que preferir.

#### - Ensino Híbrido

Já a modalidade de ensino híbrido, mescla o ensino online e o presencial de forma contínua e, portanto, um complementa o outro. Geralmente o aluno recebe, através da plataforma da instituição, um material para fazer a leitura e preparar-se para o encontro com o professor, enriquecendo a aula com discussões. Com esse modelo de ensino o aluno cria a sua própria autonomia, pois pode buscar conhecimento em outros materiais.

Para isso, o Governo do Estado acionou além do canal “Encontro das águas” por meio da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas SEDUC, plataformas, como: Saber mais, Educação<sup>5</sup> (professores e alunos); aplicativo Mano<sup>6</sup>, para os alunos; portal AVA<sup>7</sup> (professores e alunos); Google classroom para as atividades dos alunos (professores e alunos); formativos pedagógicos para toda a rede estadual disponível no canal Encontro das águas, youtube, saber mais, mano e AVA.

Tais ferramentas de trabalho pedagógico e pesquisa foram disponibilizadas aos professores, alunos e famílias, a fim de que o aluno tenha uma base curricular e conteúdo de acordo com a sua série.

O uso de ferramentas digitais como o whatsapp, classroom, google forms foram criadas para as postagens das atividades de cada turma, visando facilitar o retorno dos pais sobre a realização das atividades. O uso das redes sociais como

---

<sup>5</sup> Para favorecer a qualidade do ensino público no Amazonas, o Governo do Estado em parceria com a Escola Digital (formada pelo Instituto Natura, Telefônica/Vivo e Instituto Inpire), disponibiliza para uso pedagógico de estudantes e professores da rede estadual de ensino. Nela se encontra: vídeos, animações, aulas digitais, infográficos e outros tipos de recursos para enriquecer e dinamizar o ensino dentro e fora de sala de aula;

<sup>6</sup> 5 Mano é o Super App com canais ao vivo e interativos, é possível também abrir conversas e fazer chamadas de áudio ou vídeo - <https://manoapp.com.br/>

<sup>7</sup> Sistema que proporciona o desenvolvimento e distribuição de conteúdo diversos para cursos online e disciplinas semipresenciais para alunos em geral.

Facebook e Instagram também foram adotadas pela escola e por intermédio dessas ferramentas, saber como as famílias estavam e o que poderia ser feito para ajudá-las. O uso, de acordo com a classificação etária para cada rede, teria por objetivo estimular e orientar o estudo com base nas tecnologias da informação e comunicação (BRASIL, CNE/Resolução 2, 2020, p. 5).

Figura 2- Plano de Aula

PLANO MENSAL - OUTUBRO							
COMPONENTE CURRICULAR: MATEMÁTICA							
PERÍODO DE AULA (EM SEMANAS E DATAS)	EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM	HABILIDADES/ OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	OBJETOS DE CONHECIMENTO (CONTEÚDOS)	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO	AVALIAÇÃO	CARGA HORÁRIA	RECUPERAÇÃO
01/10 a 30/10	Identificar, comparar e simplificar frações  Efetuar a divisão de números decimais  Reconhecer ponto, reta e plano  Identificar a unidade de comprimento, seus múltiplos e submúltiplos	EF06MA07  EF06MA11  EF06MA25  EF06MA09	• Frações e suas representações  • Divisão de números decimais  • Ponto, Reta e Plano  • Unidade de medida	- Verificar grupos de pais/alunos: whatsapp ou Google Classroom.  - Solicitar registro de acompanhamento das aulas;  - Realizar atividades disponibilizadas pelo Google Classroom ou whatsapp.	Assistir vídeo aula (AULA EM CASA 7º ANO ENSINO FUNDAMENTAL)  Realização das atividades disponibilizadas pelo Google Classroom ou whatsapp e que estão sendo veiculadas pelo "Programa Aula em Casa".	1h	Atividades disponibilizadas no grupo de pais/alunos: whatsapp ou Google Classroom;

Fonte: Arquivo Pessoal, 2020.

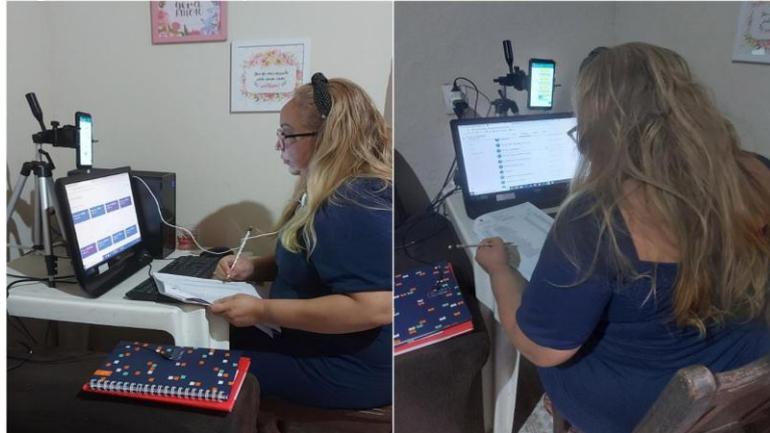
Contudo o aumento da Pandemia nos trouxe o aumento do desemprego e seus reflexos na economia da sociedade manauara. O ensino remoto disponibilizado pelo Governo não atingiu toda a população devido problemas socioeconômicos e tecnológicos.

Para o estudo remoto/híbrido era necessário que as famílias tivessem uma televisão moderna em casa, celular com ótima memória e resolução, computador com boa capacidade de memória para armazenamento de dados, como também uma internet de qualidade. Com a falta de trabalho e desemprego as famílias não tinham condições para o pagamento da internet. Assim, o grupo de whatsapp e classroom não foi acessado como o planejado.

Destaco que não foi fácil, iniciamos esse trabalho apenas eu, a pedagoga e a Gestora, pois os professores não aceitavam contato com pais de alunos, não queriam ceder os números de celulares, e menos ainda, participar de grupos de whatsapp, e esses professores eram justamente os que tinham familiaridade com a internet, já os que se prontificavam a colaborar não manuseavam a rede. Mais uma

vez fui escalada a auxiliar os professores que não tinham nenhuma familiaridade com as ferramentas digitais, a fim, que não faltasse conteúdo de nenhuma disciplina para os estudantes.

Figura 3 – Auxílio ao professor



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020.

Foi um início tortuoso, no qual passei a trabalhar ininterruptamente, atendia pais a qualquer horário dia e da noite, atendia e tirava dúvidas dos alunos independente do horário, inclusive na madrugada, recebia atividade dos professores e postava nos grupos e atendia professor que não sabia manusear as ferramentas. Ficando na frente do computador e com celular em mãos por horas muito além do meu tempo de trabalho, muitas vezes deixando minha vida pessoal para segundo plano.

Com a utilização do ensino remoto, e entre erros e acertos, foi preciso aprofundar meus conhecimentos com novos aplicativos que iam surgindo para facilitar o momento que vivíamos. Com o uso da internet e redes sociais, onde sabemos que as novidades se transformam quase que diariamente, precisei pesquisar estudar e aprender a lidar com situações que vão muito além de nossos supostos deveres na pedagogia, mas que se configuram como exigências para o aprender a ser.

Sem nenhum conhecimento prévio, nos transformamos em “influenciadores digitais da educação”, tínhamos que ser capazes de influenciar os alunos através do que íamos produzindo, com isso, nos especializamos em criação, edição e sonorização de vídeos; estratégia de marketing, onde criávamos brindes para sortear aos mais participativos; gráficos digitais, onde criávamos diplomas de honra

ao mérito para alunos que entregassem todas as atividades e esses diplomas eram expostos nas plataformas sociais da escola. Todas essas estratégias foram usadas para incentivar e estimular o estudo nessa nova fase.

A escola definitivamente não parou! O pedagógico e a gestão funcionavam 24h, incluindo sábados e domingos. Estávamos nos reinventando todos os dias, ultrapassando as paredes da sala de aula em prol da educação. E diante tanto esforço ainda tivemos que lidar com um momento muito delicado, onde o professor, através de um discurso de ódio e repetido tantas vezes, para parecer verdade, é hostilizado e desvalorizado.

Mantivemos esse modelo de Ensino Remoto até o anúncio do retorno das aulas presenciais que se deu a partir da Resolução SEDUC 61, de 31/08/20. Edita normas complementares sobre a retomada das aulas e atividades presenciais nas instituições de educação básica, no contexto da pandemia de Covid 19 e nos termos do artigo 6º, do Decreto 65.061, de 13/07/20.

Artigo 6º - Cada unidade escolar deverá planejar a oferta das atividades presenciais respeitando o disposto nesta Resolução e comunicar este planejamento à supervisão de ensino.

1º - As unidades escolares podem reorganizar a sua grade horária para melhor atender ao planejamento da oferta de atividades presenciais.

2º - Compete ao gestor escolar, com base em levantamento prévio sobre a quantidade de alunos a serem atendidos, organizar a convocação do pessoal necessário às atividades programadas, observando as medidas sanitárias destinadas a minimizar os riscos da atividade profissional, especialmente em relação aos pertencentes ao grupo de risco, que devem trabalhar de forma remota.

Nesse retorno as aulas presenciais o modelo de ensino foi transferido para Ensino Híbrido. O ensino híbrido tem uma metodologia ativa com processos de aprendizagem em que os alunos participam ativamente da construção do conhecimento. Comumente, os alunos se engajam em atividades pequenas ou grandes centradas em escrever, falar, resolver problemas ou refletir. Para Sasaki (2020).

O ensino híbrido, ou blended learning, é uma das maiores tendências da Educação do século 21, que promove uma mistura entre o ensino presencial e propostas de ensino online – ou seja, integrando a Educação à tecnologia, que já permeia tantos aspectos da vida do estudante (SASSAKI, 2020, p. 1).

O retorno das atividades foi organizado da seguinte forma: as turmas foram divididas em grupos A e B, os integrantes do Grupo A participariam das aulas presenciais as segundas e quartas e as do Grupo B, terças e quintas e as sextas feiras eram destinadas aos professores, que realizavam o seu planejamento de conteúdos. As aulas através do projeto Aula em Casa continuavam, os alunos acompanhavam as aulas de forma virtual, e os professores complementavam o assunto e tiravam dúvidas na escola, de forma presencial, mesclando o ensino virtual e presencial, caracterizando assim, o Ensino Híbrido.

Figura 4 – Retorno das aulas presenciais



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020

Figura 5 – Procedimento de segurança



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020

Os alunos que não tiveram acesso às aulas em casa por falta de televisão, grupos de whatsapp por falta de celular com internet e classroom, atividades dos componentes curriculares por falta dos equipamentos eletrônicos ficaram com a aprendizagem escolar mais limitada. Esse retorno também nos deu oportunidade em amenizar, máximo que podemos o grande prejuízo da falta de continuidade na educação do aluno que não teve acesso, a final, o percurso da educação continuou, mas esse aluno ficou de fora.

## 2.2 – Eu(s): A Multiplicidade Pedagógica e a Família.

*Que a importância de uma coisa não se mede com  
fita métrica nem com balanças nem barômetros etc.  
Que a importância de uma coisa há que ser medida  
pelo encantamento que a coisa produza em nós.*

*(Manoel de Barros)*

Atrevo-me a usar a ideia de importância que Manoel de Barros apresenta, para dizer que dessa matéria é feita a Pedagogia, que já é múltipla por sua determinação legal, porém se alarga quando se olha a partir da vida que produz na escola. Nesse item, apresento a discussão da (des)importante relação família e escola frente à pandemia da Covid 19.

A participação da família necessita ter um papel individualizado, isto é, participar da vida escolar de seu filho em seu próprio ambiente familiar. É uma participação contínua, ao se interessar por tudo o que o discente está aprendendo, conhecer suas experiências, expectativas e necessidades para dar maior apoio. Essa participação também faz parte do seu desenvolvimento, pois embora já conheçam vários assuntos, ainda são dependentes e necessitam ser instruídos para construir uma vida com autonomia, alegria e vivacidade.

A família deve se manter atenta para o ensino-aprendizagem do seu filho e para isso precisar participar ativamente da sua trajetória. Sabe-se que a escola é a responsável para o ensino-aprendizagem de qualidade, pois os seus profissionais são capacitados e preparados para isso, mas cabe à família participar das questões políticas da escola para poder intervir no que diz respeito à infraestrutura escolar, priorizando a qualidade do ensino por meio da escola bem estruturada,

Vale ressaltar que a participação da família tanto no ambiente escolar quanto a sua atuação em casa tem um valor imprescindível, pois essas duas instituições sociais, escola e família, visam o pleno desenvolvimento do aluno em viabilizar suas competências e habilidades. Conforme Vianna:

Não se pode efetivar um processo de participação sem “a participação da comunidade e de seus representantes num trabalho integrado por objetivos e fins comuns”. Para isso, é importante estimular as pessoas a tomarem decisões, consolidando uma “cultura popular que sintetize as possibilidades reais de criação dessa população nos vários setores de sua atividade (2000, p.73)”.

O aluno ao participar da escola sozinho sem apoio familiar traz consequências que em sua maioria limita o seu desenvolvimento e isso vale também para o estudo de forma virtual. Para ele, a escola ou o grupo de estudo se transforma em um local socializador de amizades e relações e não um local que além da socialização, oferece uma educação formal. A educação escolar é muito mais do que a socialização de sujeitos, ela é uma oficina de saberes.

Nessa visão, a sociedade contemporânea exige muito mais de todos os envolvidos do conhecimento. Exige dos profissionais da escola, da família e do aluno competências nas diversas dimensões que vão desde o conhecimento sistemático como emocional e relacional. As informações e decisões diante dos recursos adquiridos requerem habilidades, ou seja, cidadãos aptos para atuarem com destreza nos saberes compartilhados. Contudo, a educação integral quando relacionada à educação escolar, de acordo com Guará, tem:

O desenvolvimento humano como horizonte [...], a necessidade de desenvolver as potencialidades de cada indivíduo para que possa evoluir plenamente com a conjugação de suas capacidades, conectando as diversas dimensões do sujeito (cognitiva, afetiva, ética, social, lúdica, estética, física, biológica) (2006, p.16).

Assim sendo, percebe-se que a sociedade do século XXI supostamente defende com mais veemência um cidadão pronto para atender a si mesmo, o outro, o mercado e a própria evolução do pensamento, tecnologia e cultura. A família e o aluno que não caminham nessa direção vão ficando cada vez mais invisíveis nessa sociedade.

A Constituição Federal de 1988 com aproximadamente trinta e três anos de efetividade assegura o acompanhamento da família no processo de escolaridade do filho, legitimando publicamente e assegurando pela legislação federal como direito público subjetivo o dever da família, da sociedade e do Estado em seu art. 227: “é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito vida, saúde, alimentação e educação” (BRASIL, 1988).

Com absoluta prioridade, o direito à educação para todos está presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 com vinte e quatro anos de legalidade, como: “Dos princípios e fins da Educação Nacional” em seu art. 2º:

Art. 2 - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL. 1996).

Sendo, estabelecido na LDBN em seu art. 12 quanto aos estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência em seu inciso VI – “articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola” (BRASIL. 1996).

Ao tratar do Ensino Fundamental a mesma Lei em seu art. 32, inciso IV argumenta: “o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social” (BRASIL. 1996). O fortalecimento dos vínculos da família com a escola vem respaldar a importância de sua participação no processo educativo em acompanhar, articular e promover o desenvolvimento do educando.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, a fim de garantir os direitos fundamentais da criança e do adolescente, também incluíram a família com mais veemência no contexto escolar, como corrobora em seu art. 4º “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação” (BRASIL. 1990).

Com a criação do ECA, o poder público, criou o Conselho Tutelar em 1990, sendo um órgão municipal responsável por zelar e proteger o direito da criança e do adolescente em situação de risco, tanto doméstico quanto social. As escolas públicas estaduais e municipais recorrem ao Conselho Tutelar para garantir o art. 54 e 55 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), no que diz respeito à frequência escolar e a obrigatoriedade de matricular o filho/pupilo na rede regular de ensino.

O ECA (1990) garante “Do direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer” em seu art. 53, reforça a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBN), ao respaldar que: “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (BRASIL. 1990). Porém, nesse período que fomos abrigados a adotar o ensino remoto e nos deparamos com um grande quantitativo de evasão escolar devido a situação econômica das famílias, o ECA não foi acionado para garantir o direito fundamental daquele adolescente.

No âmbito das escolas públicas estaduais do Estado do Amazonas foi formalizado como eixo estruturador da organização educacional em 2010 o Regimento Geral das Escolas Estaduais do Amazonas para subsidiar as reflexões e discussões condizentes ao aperfeiçoamento e ao desenvolvimento de Projetos Educativos Escolares, a fim de garantir a proficiência e o processo de construção da cidadania.

Diante do dever entende-se que é obrigação do Estado e da família garantir que o filho/aluno estude, a fim de participar da sociedade. Não é uma questão optativa em participar e acompanhar, é sim uma obrigação constituída por lei federal. Mesmo que se apresentem desafios, como na pandemia, família e escola devem criar meios que precisam ser pensados em conjunto, levando em consideração todos os segmentos que compõem a comunidade escolar. Mesmo assim com todos os esforços, não conseguimos alcançar a todos.

Um avanço a ser considerado na LDBN (1996) baseada em “Dos princípios e fins da Educação Nacional” em seu art. 3º “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: VII – gestão democrática do ensino público, na forma desta lei e da legislação dos sistemas de ensino”. Sendo assim, pensar em participação é pensar em compartilhar o poder de decisão com famílias e alunos, como também com todos os envolvidos na escola e comunidade. Por esta razão que a gestão democrática é tão importante para diminuir as barreiras de afastamento entre a família e a escola e oportunizar para uma nova visão. A visão da participação ativa, em que escola e família buscam o desenvolvimento dos alunos e de si mesma. Assim, fica legitimado a participação cidadã no qual seus sujeitos são políticos. Na verdade, precisam ser de fato políticos e atuantes para as mudanças necessárias no âmago da escola.

A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática da escola, possibilitando o envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. Além disso, proporciona um melhor conhecimento dos objetivos e metas, estrutura e organização e de sua dinâmica, das relações da escola com a comunidade, e favorece uma aproximação. (LIBÂNEO, 2004, p. 102)

A gestão democrática adentra a escola e perpassa aos seus documentos legais como em seu Projeto Político Pedagógico que serve como base para direcionar a comunidade escolar, que são: alunos, pais professores, funcionários e gestores.

No PPP sendo um documento oficial da escola que delega todas as suas atribuições constam o Conselho Escolar. O Conselho Escolar é um órgão colegiado deliberativo, consultivo, fiscalizador e mobilizar que atua para organização o PPP, Regimento Interno do Conselho, questões político-pedagógicas, administrativas, financeiras, no âmbito da escola tem na sua constituição a representação da Associação de Pais, Mestres e Comunitários (APMC).

A Associação de Pais, Mestres e Comunitários tem como objetivo geral buscar a integração entre a escola, a família e a comunidade, num trabalho comum para tomar as decisões de maneira compartilhada, visando o aprimoramento do processo educacional e a concretização da autonomia da escola. No RGEEA compete a APMC em seu art. 125, inciso I: “proporcionar a integração Escola-Família-Comunidade” (RGEEA. 2010).

Contudo, a Associação de Pais, Mestres e Comunitários da escola ficou alheia a qualquer assunto durante a pandemia, como de costume, pois nas ocasiões “normais”, a APMC se resume a reuniões periódicas para avisos que receberemos algum recurso ou comunicar como foram gastos esses financiamentos. Na maioria das vezes não tem conhecimento que existe essa associação e que os comunitários tem direito em participar ativamente e indicar para onde e como seria destinado esse recurso, mas simplesmente não se interessam.

Diante das legislações e todo aparato legal para que a participação da família na escola seja ativa, contínua e objetiva com o fim para articular nas discussões e decisões da escola, mas mesmo assim, na prática a sua efetivação não acontece.

Sabemos que se a família tivesse um papel mais assíduo na escola, participasse realmente do PPP; Que membros da comunidade se interessassem em participar da APMC, dando sugestões onde os recursos recebidos deveriam ser investidos dentro da escola; Exigisse do poder público que o gestor escolar fosse escolhido através de eleição e não apenas um cargo de confiança e tantos outros itens que só melhorariam a administração, parte estrutural e democrática da escola e visando a excelência do ensino e aprendizagem.

Os pais, famílias, comunidade escolar mal conhecem os documentos norteadores e quando acabam conhecendo tudo fica somente no papel. A gestão democrática almejada acaba sendo um documento burocrático, no qual a política pública de interesse comum não assume seu papel. As políticas educacionais de educação no que diz respeito à participação dependem dos gestores de escola e equipe escolar, mesmo que tenha todo um aparato legal sobre a gestão participativa. A gestão escolar e o colegiado em si, dificilmente abrem suas portas às famílias com uma visão nova de mudança social.

A família como não conhece seus direitos e deveres ou por falta de conhecimento dos documentos que não são apresentados na escola, ou por falta de interesse em conhecê-los, fica difícil em sua atuação. A falta de conhecimento leva a

alienação de seus interesses, como também a conscientização que na sociedade democrática todos são iguais perante a lei.

É importante relatar que quando a OMS eleva de epidemia a Pandemia, entendemos que se trata de uma esfera mundial, porém os países de primeiro mundo, onde a família tem maior poder aquisitivo e a escolaridade dos pais também é superior e o interesse pela organização escolar é muito maior, os investimentos do governo são acompanhados para certeza que serão destinados a melhoria da escola. Se essa fosse à realidade da educação no Brasil, não teríamos tantas dificuldades e não iríamos nos deparar futuramente com um enorme problema que será herdado das agruras da pandemia. A Desigualdade Social.

Durante o processo de ensino remoto, em sua grande maioria, os pais/responsáveis se preocupavam apenas com a frequência (questionário enviado pela SEDUC), pois não queriam ser reprovados por falta, ou questionar, algumas vezes alterados, que a escola teria que passar o aluno para a série posterior de qualquer maneira, pois não era culpa deles de estar existindo uma pandemia, esse problema era da escola. O interesse dos pais era simplesmente que seu filho progredisse de ano, não se interessando com o mais importante, a aprendizagem.

A equipe pedagógica realizava reuniões com os pais para mostrar a importância do acompanhamento das atividades, que não se preocupassem com frequência, e sim, desse mais ênfase nos estudos para que seus filhos assimilassem os conteúdos. O papel da pedagogia nessa pandemia é também, orientar pais sobre a importância do ensino contínuo para que não haja dificuldades futuras para os alunos. Como já citado aqui, a pedagogia nos insere de forma muito pessoal com as famílias.

Como já descrito anteriormente, eu exerço a função de Apoio Pedagógico desde 2017, onde fui afastada de minhas funções de merendeira, e inserida em todas as ações da escola, como: Participar da construção do Projeto Político Pedagógico; Ajudar a pedagoga a coordenar, sistematizar, acompanhar e avaliar as ações didático-pedagógicas e de docência da escola; Contribuir continuamente, a direção da escola em relação à efetivação do currículo escolar e das aprendizagens dos/as estudantes; Monitorar as turmas; Auxiliar com a ação docente; Subsidiar as famílias/responsáveis pelos estudantes, em relação ao desempenho escolar e entre outros ações. Mesmo atuando em ações importantes para a escola, ainda assim, eu era vista por toda a comunidade escolar como a ajudante da pedagoga.

Vale salientar que mesmo eu estando presente diariamente durante anos nesse ambiente escolar minha ótica sobre educação era diminuta, onde a minha ideia era que o aluno deveria assistir às aulas, não faltar, receber o conteúdo, estudar e buscar boas notas para progredir de ano, independente de qualquer adversidade. Todo o conhecimento dos documentos que norteiam e dão direitos à educação, eu só tive acesso com a ocupação de apoio pedagógico na escola, onde passo a fazer parte no movimento político e nas ações escolares.

O processo histórico do Curso de Pedagogia no Brasil passou por mudanças legais no espaço de atuação e das funções a serem desempenhadas pelo pedagogo. A atuação do pedagogo variava entre ora buscar as funções de técnico em educação, professor, ou seja, especialista; ora buscava a formação do docente, gestor, pesquisador, ou seja, generalista. As mudanças resultam a interpretações diversas sobre o próprio curso, o que levou a multidimensionalidade da identidade profissional do pedagogo.

Após a promulgação da LDB 9.394/96, houve a necessidade de regulamentações de vários aspectos por meio de Decretos, Pareceres e Resoluções, definindo-se novas Diretrizes para o Ensino Superior, dentre estas, as da formação dos profissionais da educação.

Em 2006, foi finalmente promulgada a Resolução CNE/CP nº 1; que fixa as diretrizes curriculares para o curso de Pedagogia, identificando-se assim como o quarto marco legal deste curso. A estrutura curricular do curso permanece constituída pelos três núcleos – estudos básicos, aprofundamento e diversificação de estudos e o estudos integradores.

Levando como referência as cinco modalidades de magistério definidas pela Resolução CNE/CP nº 1/2006, que são: Educação Infantil, Anos iniciais do Ensino Fundamental, cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, porem Libâneo (2007), opina que o texto faz referência apenas à docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, faltando orientações às demais modalidades e quanto às definições curriculares e as modalidades de diplomação.

Não se esclarece se os percursos curriculares são separados ou se há uma base comum que depois se ramifica em habilitações (o texto não menciona o termo habilitações nem outro equivalente). Do mesmo modo, o artigo que trata da formação dos profissionais da educação para administração, planejamento, supervisão, etc.(art.64 da Lei nº. 9394/1996) em nível de pós-

graduação está inteiramente desconectado dos demais artigos deixando dúvidas aos dirigentes de cursos de formação. Além disso, a resolução ignora a prescrição legal da LDBEN de que esta formação deve ser feita também em cursos de graduação em Pedagogia. (p.33)

A função de apoio pedagógico busca integrar os envolvidos no processo ensino-aprendizagem mantendo as relações interpessoais de maneira saudável, valorizando a formação do professor e a sua, desenvolvendo habilidades para lidar com as diferenças com o objetivo de ajudar efetivamente na construção de uma educação de qualidade social.

Analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser. (FOUCAULT, 2004, p. 11)

A Pandemia da Covid 19 trouxe muitos medos, incertezas, sensações de impotência, nos mostrou deficiências e tantos outros adjetivos negativos que teremos que superar, porém para mim, em particular, surtiu um efeito muito positivo, A mudança de visão sobre minha função de apoio pedagógico. Durante o momento do isolamento em que a escola estava fechada e todo o fazer docente era através das ferramentas digitais, Eu era a escola.

Figura 6 – Auxílio aos alunos no manuseio do classroom



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020.

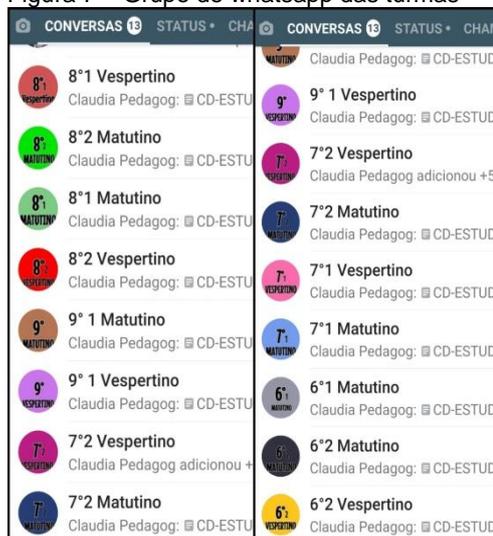
Diante isso, com manuseio de aplicativos digitais, formei grupos por série, turma e turno, nesses grupos os alunos e pais recebiam informações, avisos, comunicados, atividades e frequência diária, que deveria ser respondida e enviada

através de um questionário; Criava e fornecia os e-mails institucionais e códigos dos estudantes para facilitar o acesso; Auxiliava os pais que tinham dificuldade em acessar as novas ferramentas digitais.

Alguns aplicativos não ofereciam dificuldade devido à familiaridade do uso, mas tratando-se do Classroom tivemos inúmeras dificuldades. Esse aplicativo para ser acessado, o aluno tinha que possuir o e-mail institucional e deveria ter todo um processo a seguir até conseguir acessá-lo. O google sala de aula foi organizado por turma, série e turno. Com aproximadamente 510 alunos em toda a escola, mas somente 134 alunos tiveram acesso ao aplicativo.

Tive que instruir pais e alunos, via whatsapp, como deveriam instalar e manusear o aplicativo, isso requereu tempo e muita paciência por parte dos pais. Muitos não conseguiam apesar dos esforços, com isso para não prejudicar o estudante e vendo o empenho da família, por inúmeras vezes também me disponibilizei em receber as atividades e enviar aos professores.

Figura 7 – Grupo de whatsapp das turmas



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020

Figura 8 – Turmas formadas no Clasroom



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020

Dispus-me em atender pais e alunos a qualquer horário, pois a grande maioria deles tinha apenas um celular disponível em casa, celular esse, que era de um responsável que estavam ausente durante o dia devido compromisso com emprego, entendendo também que aquele horário era o único disponível para o estudo do aluno.

Figura 9 – Estudantes em atividades de forma virtual



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020.

Com mudanças rápidas, as poucas famílias que acessaram as redes sociais e salas de aulas virtuais tiveram que se adaptarem as tecnologias. Além de saber ler, escrever, interpretar e calcular, na era digital é imprescindível aprender as tecnologias da informação e comunicação (TICs). Com as TICs sobressaíram às desigualdades sociais, culturais e intelectuais. De acordo com Brym:

A exclusão digital representa hoje uma importante forma de desigualdade de oportunidades, já que o acesso à tecnologia da informação constitui a base estrutural da era do conhecimento. Uma das principais maneiras de começar a combater a exclusão digital é investir diretamente nas escolas, a fim de que os alunos possam começar, o quanto antes, a ter acesso e a se familiarizar com as novas tecnologias (2006, p.451).

Toda a dificuldade encontrada nesse momento acarretou em um grande número de alunos desistentes, as famílias se sentiam impossibilitadas em acompanhar esse novo ensino que foi imposto. Tivemos que formar uma equipe de busca, a fim de resgatar o máximo de alunos possíveis, principalmente os que não tinham acesso à internet. A Busca Ativa foi organizada com a ajuda dos funcionários da secretaria da escola e era realizada através de ligação dos números de celulares que a escola dispunha ligações custeadas por nós mesmas.

A partir da ação do Busca Ativa organizada pela secretaria de educação, conseguimos resgatar alunos, disponibilizando as atividades de forma impressa que eles deveriam buscar e entregar posteriormente na escola, mas ainda assim os alunos continuavam apresentando grandes dificuldades até para esse modelo, pois devido o fechamento do comércio a partir do isolamento social, vários pais ficaram desempregados e infelizmente, naquele momento, a educação de seus filhos se tornou assunto de segunda importância.

Figura 10 – Busca de atividades impressas



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020

Figura 11 - Equipe de Busca Ativa



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020

Relatar que os fatores como pobreza, desemprego, vícios, falta de equipamentos adequados, internet para a realização das atividades, falta de recursos como espaço adequado em casa, além das situações específicas vividas por cada família culminou em um grande número de desistência. Somado a isso, a dificuldade dos pais em realizar as atividades com seus filhos por falta de conhecimento de forma colaborativa. Neste cenário, esse trabalho também conversa sobre a participação das famílias no processo de ensino-aprendizagem, autores como, Portella e Franceschini (2011), afirmam que:

A aprendizagem inclui a articulação entre o conhecimento e o saber. O conhecimento, mundo dos conceitos, constrói-se de forma impessoal enquanto que o saber constrói-se a partir da relação com outro, de forma pessoal, por meio da experiência vivida. Portanto, o vínculo entre ensinante (pais), e aprendendo (filho) é fundamental para a aprendizagem. Este vínculo dá-se de forma circular entre: ensinante e aprendente – aprendente e ensinante dentro de um espaço onde haja confiança, respeito e estima (PORTELLA et FRANCESCHINI. 2001, p.83).

Observei também que, apesar de muitos pais não se interessarem em realizar as atividades juntos com os filhos, bem como entrar em contato com a escola, muitas famílias estão bem presentes, e essas famílias procuram ter uma boa relação com a escola, o que é crucial para que ocorram boas relações nos processos de ensino e aprendizado dos discentes. Nesse sentido, ressalta Souza (2009, p. 8) que:

[...] uma boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como principal alvo o aluno. A escola deve também exercer sua função educativa junto aos pais, discutindo, informando, orientando sobre os mais variados assuntos, para que, e reciprocidade, escola e família possam proporcionar um bom desempenho escolar e social às crianças.

Diante do cenário exposto, é imprescindível a participação da família na escola para reivindicar uma escola e ensino de qualidade, a fim de potencializar os

alunos no desenvolvimento integral e integrá-lo no mundo globalizado. Diante esse contexto da importância da participação na escola, citar também, o papel do apoio pedagógico frente a isso.

Esse papel visa que o profissional que está à frente dessa função adote um trabalho incentivador a fim de proporcionar a integração das dimensões política, pedagógica e administrativo-financeira da gestão escolar, reiterando o processo de ensino aprendizagem, visando à garantia do sucesso de todos os alunos.

Espera-se, pois, que o Educador de Apoio conheça plenamente o seu espaço de trabalho, compartilhe ideias e conhecimentos, construa o seu papel na escola, tornando-se assim, a ligação fundamental, traçando o seu caminho transformador, formador e articulador. Certamente que a inexistência de respostas prontas, acabadas e definitivas fazem com que o trabalho pedagógico do educador de apoio seja uma reelaboração do caminho e a apresentação de algumas das pistas possíveis para a continuação desse “caminhar”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”. (Albert Einstein)*

O início de minha caminhada acadêmica até aqui, onde me encontro na conclusão de meu curso não foi uma jornada fácil, e no decorrer dessa formação ainda nos deparamos com uma pandemia que assolou todo o planeta. Senti medo por mim, pela minha família e por todos que, igual a mim, também tiveram que enfrentar seus receios e se (re)inventar na vida e na profissão. Por isso a frase de A. Einstein, nos reinventar para aquilo que não estamos acostumados.

Perante a realidade devastadora que o vírus nos imputou, o fechamento das escolas, me deparei com uma realidade que deveria tomar, não por escolha, mas pelo que a situação exigia no momento. Mesmo diante o turbilhão que vivíamos não foi suficiente para impedir o desenvolvimento dessa pesquisa, muito pelo contrário, foi a partir das incertezas vividas na escola durante a pandemia que essa pesquisa se desenvolveu, juntamente com a construção de saberes, questionamentos e (re)aprendizados.

Desse modo, nossa pesquisa apresenta o tema: A Minha relação de Apoio Pedagógico com as famílias no contexto da pandemia da Covid 19, me reconhecendo como personagem atuante em todo processo de mudanças para uma suposta nova forma de ensino, que se deu devido o isolamento social.

Nesse sentido, a problematização de como se daria a constituição da minha existência como apoio pedagógico a partir da relação com as famílias no contexto da pandemia da covid 19 é apresentada por meio da narrativa de experiência vividas por mim e que no decorrer dessa pesquisa me foram (re)significando diante a função que eu exercia.

Tendo como objetivos específicos: Narrar a minha vivência no processo de ensino em uma escola pública diante da pandemia da covid 19; Apontar os desdobramentos do sistema de aulas remotas para a participação das famílias na escola; Compreender minha existência como apoio pedagógico frente à relação com as famílias no contexto da pandemia.

No primeiro objetivo busquei narrar experiências vividas por mim no decorrer do isolamento, onde atuei na construção de todo o processo de ensino remoto e vivi juntamente com a família a incapacidade de ver seus filhos acompanharem essa nova forma de ensino devido problemas financeiros também oriundos da pandemia.

A seguir, no segundo objetivo específico, apontar os desdobramentos do sistema de aulas remotas para a participação das famílias na escola, com o uso da tecnologia como ferramenta para viabilizar o ensino. Durante toda sua história, a educação se define por uma metodologia pedagógica tendo como base a replicação de informações, essa forma tradicional de ensino que estávamos familiarizados entra em atrito com a dita nova forma de ensino remoto, no qual todas as informações estão ao alcance de dois toques de dedo.

Vale salientar que as escolas não foram preparadas e equipadas para esse modelo de ensino, tão pouco seus professores, todo o processo de mudança para o ensino remoto foi implantado por nós sem ter ideia se iria dar certo, com muitos erros e acertos e todo esse movimento deveria ser compartilhado com o aluno e família, nos desdobrando para lidar da melhor forma possível, nos reinventando diariamente na intenção de nos aproximar, mesmo que de forma virtual com as famílias.

O terceiro objetivo específico era compreender minha existência como apoio pedagógico frente à relação com as famílias no contexto da pandemia. Durante a escrita dessa pesquisa fui lembrando de situações que vivi em várias ocasiões desde quando era merendeira escolar, onde tinha opiniões que eu tinha como verdade absoluta, principalmente quando dizia respeito à prioridade dos estudos, quando tinha certeza que os alunos que não “rendiam” era por falta de educação dos pais, sempre os julgando por incompetência ou falta de pulso com o filho, e dificilmente olhando para as situações que levaram o aluno a não conseguir acompanhar o ensino de forma adequada, sem levar em consideração vários fatores, como: miséria, desemprego, vícios e demais situações que fazem parte de boa parte da população.

Todo esse conceito que tinha foram caindo por terra com minha ingressão na universidade, lá eu aprendi a observar tudo pela ótica do questionamento, todas as respostas prontas para algumas situações não eram mais suficientes, passei a tentar compreender o contexto, as entrelinhas.

Quando passei para função de Apoio pedagógico eu começo a sentir na pele o julgo do outro, o mesmo que eu fazia em relação à família, quando eu estava na merenda escola, O olhar de desconfiança quando um pai/responsável me via na posição de apoio pedagógico, lembro-me de ocasiões em que eu falava com o responsável qualquer assunto, e mesmo assim, eles procuravam a gestora ou a pedagoga para reafirmarem o que eu falei, parecendo que minha capacidade não era suficiente por eu ter vindo de uma função vista como inferior.

O conceito ou preconceito que temos sobre o outro sem saber a real situação e qualificação é uma opinião que reproduzimos no decorrer do tempo, e que nem sempre condizem com a realidade. Foucault (2008a) argumenta que a história de um conceito não se dá pelo seu refinamento progressivo, mas sim pelos campos de produção e de validade, suas regras de uso e os meios teóricos no qual ele circula. O que move a produção do mesmo para o filósofo é a vontade de saber – desde quando a sociedade na qual vivemos se organiza a partir dos ideais platônicos – e com isso, o estabelecimento do que é real e verdadeiro.

Ora, essa vontade de verdade [...] apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 2014, p.17).

Diante o pensamento de Foucault, o objetivo desse trabalho não é criticar a forma como levamos a acreditar qualquer tema como verdade absoluta, mas sim, que possamos refletir sobre isso, com o objetivo em compreender elementos que atravessam a produção do sujeito, que vaga por entre discursos que fixam um significado sobre o que se é. Esses discursos impõem uma forma de conduta que tem que ser vista e seguida dentro de qualquer espaço, e nesse caso, dentro do espaço escolar e também virtual.

Vivendo o papel de pesquisadora em que decorreu o processo de escrita dessa pesquisa passei por questões onde me vi no papel daquela que reproduz o discurso e do que quer quebrar conceitos dados como verdadeiros. Conceitos esses, que não são ditos, mas estão lá, e são sentidos e praticados de forma latente, dentro de uma subjetividade que não passa despercebida.

O uso das leituras sobre o cuidado de si abre caminho para a construção de um olhar mais aprofundado e que sinalam para uma (re)significação das relações,

aqui pela ótica do espaço escolar, podendo ser elas a nos levarem a questionar a prática de liberdade para além dos muros da escola.

## REFERÊNCIAS

AMAZONAS. Decreto nº 42.061 de 16 de março de 2020. Dispõe sobre a decretação de situação de emergência na saúde pública do Estado do Amazonas em razão da disseminação do novo corona vírus (2019-nCov). **Diário Oficial [do Estado do Amazonas]**, Manaus, AM, p.1. Março, 2020.

AMAZONAS. Secretaria de Educação do Estado do Amazonas, **Resolução SEDUC 61, de 31/08/20**.

AMAZONAS. **Regimento Geral das Escolas Estaduais do Amazonas**, 2010.

BRASIL. **Constituição Federal. Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Ministério das Comunicações, 1988.

\_\_\_\_\_. **Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES nº 2, de 10 de dezembro de 2020**.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96**. Brasília. MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente 8069/90**. Brasília. MEC, 2004.

\_\_\_\_\_. **Diário Oficial da União**, Brasília, Resolução CNE/CP 1/2006. 16 de maio de 2006.

BRYM, Robert. "Famílias". In: **Sociologia: sua bússola para um novo mundo**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

CARVALHO, A.F. **Foucault e a função-educador: sujeição e experiências de subjetividades ativas na formação humana**. Ijuí: Unijuí, 2010.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. **A escola como espaço sociocultural**. São Paulo: Milharal, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Artigo. 2001.

FREITAS, Alexandre Simão. **Michel Foucault e o "cuidado de si": a invenção de formas de vida resistentes na educação** - ETD – Educ. Tem. Dig., Campinas, v.12, n.1, p.167-190, jul./ dez. 2010.

FORQUIN, Jean Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

\_\_\_\_\_, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_, Michel. **História da Sexualidade – O Uso dos Prazeres**, Vol. II Rio de Janeiro: Graal, 1984;

\_\_\_\_\_, Michel. Sujeito e o poder. In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos IX: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014;

FREIRE, Paulo. **Criando métodos de pesquisa alternativa**. In: BRANDÃO, Carlos. Rodrigues (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, E. G. Veiga, E.C. e (2006). **Psicopedagogia e a teoria modular da mente**. São José dos Campos: Pulso.

GUARÁ, I. M. F. R. **É imprescindível educar integralmente**. Caderno CENPEC, nº 2, 2006.

GUIMARÃES, Rosas. **Grande Sertão: Veredas** – Livraria José Olympio Editora, em 1956.

LAHIRE, B. **Homem Plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos Paulo, **Pedagogia e Pedagogos, para Quê?** – 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_, J.C. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**, 5. ed. Goiânia, Alternativa, 2004.

\_\_\_\_\_, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** São Paulo: Cortez, 2014.

\_\_\_\_\_, José Carlos. **Pontos Críticos dos atuais cursos de Pedagogia**. Revista Presença Pedagógica. V.11. nº 65: p. 52-63, Set/Out. 2005.

\_\_\_\_\_, J. C. A pedagogia em questão: entrevista com José Carlos Libâneo. In: Olhar de professor, Ponta Grossa, (10-1), 11-33, 2007. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/684/68410102.pdf> Acesso em: 06/07/2021.

LÓPEZ, Maximiliano Valério. **O conceito de experiência em Michel Foucault**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, n2, p.42-55, jul./dez. 2011.

MORAN, José Manuel. **Como transformar nossas escolas Novas formas de ensinar a alunos sempre conectados**. In: Educação 3.0: Novas perspectivas para o Ensino. CARVALHO, M. (Org). Como transformar nossas escolas Novas formas de ensinar a alunos sempre conectados. Porto Alegre, Sinepe/RS/Unisinos, 2017.

PORTELLA, Fabiana Ortiz. FRANCESCHINI, Ingrid Schroeder (orgs). **Família e aprendizagem uma relação necessária**. Rio de Janeiro: WAK, 2011.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**/Judith Revel; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. – São Carlos: Claraluz, 2005.

SASSAKI, Claudio. **Ensino híbrido: conheça o conceito e entenda na prática**. São Paulo: Nova escola, 2020.

SOUZA, Maria Ester do Prado. **Família/escola: a importância dessa relação no desempenho escolar**. UENP: Paraná, 2009.

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo: Libertad, 2004.